O meu trabalho de pintura enquadra-se numa investigação teórica e prática que pretende abordar a relação complementar e de comunicação entre pintura e arquitetura através da cor como elemento primordial de composição, determinante no processo criativo e transformadora dos espaços, das suas representações e dos seus resultados perceptivos e de interpretação. Neste sentido, existe uma apropriação da linguagem arquitectónica para o espaço da pintura, onde se pretende valorizar a presença, significado e impacto das relações cromáticas na construção de paisagens construídas, intervencionadas e humanizadas.

As cores justificam-se e influenciam-se mutuamente, sendo que qualquer opção está sujeita a toda uma série de relações e tensões. A identidade de cada cor não reside em si mesma, mas estabelece-se e define-se por relação e interação, o que determina em definitivo a construção da obra. Assim, estas pinturas refletem uma preocupação com a entropia da cor, aqui refletida nos conceitos de ordem, caos, dinâmica, fluxo, equilíbrio e composição inerentes às relações cromáticas. Como base do processo criativo, as relações cromáticas intensificam o modo como pretendo que nos relacionemos com as paisagens que represento e determinam a nossa interação com o ambiente, a cidade, o espaço e a paisagem. A cor modela o espaço no processo da sua construção, e esse espaço, paisagístico e habitado por construções arquitectónicas, só passa a existir através de um diálogo cromático. Neste processo criativo, vou acrescentando, retirando, alterando, ocultando e reestruturando – para encontrar um estado de equilíbrio, uma ordem.

Na minha prática artística a pintura cita a arquitetura, embora desconstruindo-a e tornando-a disfuncional. É colocada em evidência uma eventual habitabilidade de um lugar inexistente e inabitável, trazendo para o espaço pictórico a ideia de um espaço arquitectónico penetrável onde estão presentes os conceitos de escala, limites, ocupação, matéria e construção. A pesquisa pictórica que preside a todo o processo procura agregar em si mesma uma outra linguagem na construção de espaços que convidam a uma experimentação intertextual: ver a pintura, habitar o espaço, explorar a dicotomia de se estar fora ou dentro, do que é público ou privado. Habitar a pintura, ocupá-la, situar-se num contexto imaginário de experimentação do lugar e da casa.

A representação da casa ou de contentores, abrigos ou construções aparentemente habitáveis pretende ser um modo de desenhar a paisagem e contribuir para a criação de lugares imaginários, eventualmente impossíveis, mas que apelam ao nosso desejo de os habitar, ocupar e utilizar. Existe uma contradição inerente à ideia de casa, simultaneamente presente e ausente nestas pinturas: a casa abriga, protege, dá-nos calor, conforto e uma vontade de regresso. No entanto, aqui, são aparentemente casas de ninguém, sem chão ou tecto, sem a capacidade contentora, desprovidas da sua funcionalidade e enquadradas num espaço inabitado.

Em última instância, a casa surge como exemplo paradigmático de abordagem ao lugar, às vivências pessoais e íntimas e à experiência emocional de habitar. Existe uma construção psicológica da casa que nos coloca numa zona de conforto e construção identitária. A casa é refúgio, defesa, ligação a um lugar ou lugar ligado a nós.

A minha pintura fala, assim, da experiência íntima de habitar um lugar e da forma como percepcionamos espaços eventualmente reconhecíveis mas desconhecidos, familiares mas impossíveis ou inexistentes. E fala do modo como as distintas formas de percepcionar esses lugares são intrínsecas à nossa individualidade, identidade e intimidade.

As pinturas são sempre construídas com base na ideia de que um discurso é, invariavelmente, composto por toda uma série de outros discursos. A intertextualidade é indissociável da produção humana e inerente à linguagem. Fazemos, criamos e recriamos a partir daquilo que conhecemos, da nossa relação com o mundo e do modo como, individualmente, o experienciamos. Assim, num contexto de constante citação, apropriação e transformação do que já existe, a relação de comunicação entre pintura e arquitetura torna-se fundamental.

Os discursos do espaço, da arquitetura e sua relação com a obra plástica, do contexto urbano e do processo de construção, do lugar e do habitar, tornaram-se essenciais no âmbito de uma prática multidisciplinar ou alargada a diversos e distintos campos. O espaço tornou-se num domínio privilegiado e arte e arquitetura encontraram novas formas de dialogar em torno dele, de o criar, pensar e formalizar, de o construir e reconstruir, através de processos de total transdisciplinaridade.

Ana Pais Oliveira

Maio de 2012